

ORDEM NA ORDEM: EDIÇÃO E ESTUDO DO LÉXICO DE UM DOCUMENTO CISTERCIENSE DA IDADE MÉDIA PORTUGUESA

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio *
Américo Venâncio Lopes Machado Filho

RESUMO

Este artigo objetiva discutir alguns aspectos relacionados ao trabalho de edição do *Livro dos Usos da Ordem de Cister*, manuscrito quatrocentista, datado de 1415, cujo original se encontra depositado na Biblioteca Nacional de Portugal. Além disso, discorre sobre algumas peculiaridades lexicais observadas na obra, ainda inédita, mas cuja edição e glossário, em elaboração, fazem parte do tema de dissertação de mestrado a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, que se integra ao Projeto DEPARC (Dicionário Etimológico do Português Arcaico).

Palavras-chave: Linguística Histórica. Filologia. Léxico. Edição de textos. Ordem de Cister.

ABSTRACT

This work aims to argue some aspects related to the work of editing of the Book of the uses of the Cistercian Order, manuscript fifteenth, with the original is deposited in Library National of Libon. Besides this, discuss some peculiarities of lexical observed in the work, still unpublished, but whose editing and glossary, part of the theme of dissertation to be defended at the Graduate Program in Language and Culture, Federal University of Bahia, which integrates with Project DEPARC (Etymological Dictionary of Archaic Portuguese).

Key words: Historical Linguistics. Philology. Lexicon. Cistercian Order.

INTRODUÇÃO

Durante a Idade Média, a supremacia da Igreja Católica fez das Ordens Religiosas centros de riquezas infindáveis, além de lhes garantir o estatuto de agente e detentor da cultura escrita, uma vez que,

* Estudante do curso de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: zanasampaio@gmail.com

[...] os homens não sabiam ler nem escrever. As invasões haviam destruído a maioria das bibliotecas, escapando apenas aquelas que se achavam em mosteiros sólidos, que não foram tomados pelos bárbaros. Por isso, os mosteiros eram os verdadeiros reservatórios da cultura religiosa e antiga; e os monges eram as únicas pessoas que dominavam alguns elementos dessa cultura. (ARRUDA, 1976, p. 473)

Ocupando papel de destaque nesse cenário, os mosteiros cistercienses, que floresceram e se difundiram rapidamente na Europa, tiveram grande ascendência sobre a sociedade medieval. A ordem de Cister, fundada em 1098, por Roberto de Molesmes, com o intuito de restituir a austeridade da rigorosa observância da Ordem de São Bento e, mais tarde “revitalizada” por São Bernardo – considerado por muitos, segundo fundador da Ordem (SANTOS, 2002, p. 201-272), – construiu mais de 670 casas em todo território europeu.

Em Portugal, uma das abadias mais representativas da Ordem foi a de Alcobaça, considerada “verdadeira potência eclesiástica, maior expoente do Cristianismo em Confraria no século XII” (GARCEZ, 2007, p. 19). Com singular organização, austeridade nos modelos, métodos e hábitos, detentora de uma biblioteca que contava, no seu apogeu, com cerca de 500 livros¹, os monges cistercienses da Abadia de Alcobaça serviram de elemento centrípeto para a sociedade portuguesa durante muito tempo, sobretudo durante todo o medievo.

Dos muitos registros documentais deixados por essa ordem, identificou-se um manuscrito intitulado *Livro dos Usos da Ordem de Cister*, datado de 1415, cujo cerne narrativo, como o próprio nome sugere, revela os preceitos seguidos por essa comunidade religiosa. Embora há muito reconhecido o valor desse documento na teologia e na história, especialmente depois que o eminente Padre Mário Martins publicou o artigo intitulado *Da vida e da morte dos monges de Alcobaça*, na *Revista Brotéria*, em julho de 1950 (MARTINS, 1950), essa preciosidade histórica, escrita em língua portuguesa, jamais mereceu – pelo que se tem notícia – um estudo minucioso, que revele suas características linguísticas e textuais, assim como ainda inexiste uma edição filologicamente confiável e disponível, que assegure sua difusão junto aos interessados pelo passado do comportamento humano e de suas mentalidades.

Dessarte, o presente estudo objetiva apresentar alguns aspectos do trabalho de edição dessa obra, cujo original se encontra depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, para além de expor algumas peculiaridades lexicais nela observadas.

¹ Os códices alcobacenses, *Vida de S. Aleixo*, *Diálogos de S. Gregório Magno*, *Vita Christi*, *Vida do cativo monge confesso*, *Autos dos Apóstolos* fazem parte desse espólio, por exemplo.

2 O TRABALHO DE EDIÇÃO

A investigação do passado de uma língua não pode ser feita senão pelos documentos escritos remanescentes. Como a tecnologia voltada ao registro da língua oral é, infelizmente, bastante recente na história da humanidade, os textos escritos sobreviventes, isto é as inscrições, os códices, os livros impressos, enfim, são as únicas fontes possíveis de fornecer o testemunho, mesmo parcial – por ser fragmentário –, da época a que dizem respeito.

São, entretanto, muitos os percalços para se conseguir fazer “o melhor uso de maus dados” (Labov 1982, p. 20). Um deles, e talvez o principal, se refere à necessária reclusão dos originais que precisam ser defendidos da incúria do homem e da ação avassaladora do tempo, dificultando o acesso pleno aos dados que em si encerram.

Não obstante essas dificuldades, numerosas também têm sido as contribuições dos abnegados pelos estudos histórico-diacrônicos. No que concerne, a língua portuguesa há um reconhecido esforço em perscrutar os textos antigos, no intuito de reconstruir a sua trajetória histórica.

O PROHPOR (Programa para a História da Língua Portuguesa) tem, desde os fins da década de 90, se debruçando sobre essa tarefa, no intuito de estudar a constituição histórica da língua. Nesse sentido, muitas edições de natureza filológica têm sido produzidas para servir como base a esses estudos.

No âmbito do PROHPOR, o Projeto DEPARC (Dicionário Etimológico do Português Arcaico), por reconhecer a necessidade de se construir um dicionário do período arcaico da língua portuguesa, tem desenvolvido uma “expedição ao léxico” desse período da língua, operando sobre o arco temporal que vai desde o século XIII, de que emanam os primeiros testemunhos escritos, até meados do século XVI, quando surgem os primeiros estudos metalinguísticos do português. Contido nesse Projeto, a edição do *Livro dos Usos da Ordem de Cister* tem por finalidade a elaboração de um glossário, a ser incluído na nomenclatura do DEPARC.

A proposta de edição decorre do fato de que um levantamento inicial do campo bibliográfico desse texto tem sugerido não existir, pelo que se sabe, uma edição de natureza filológica desse material de extrema importância para os estudos históricos e linguísticos referentes àquele país.

Assim, podem a edição e a observação de seu léxico constituir-se uma importante contribuição para os estudos voltados para a investigação da constituição da língua portuguesa, sobretudo no que concerne à construção de um vocabulário específico sobre o tema de que trata o documento.

3 METODOLOGIA DE TRABALHO

A edição tem por base original o fac-símile a cores da obra que se encontra disponível no *site* da Biblioteca Nacional de Portugal, no seguinte endereço eletrônico <http://purl.pt/15004/1/>. Em função do trabalho de natureza lexicográfica, que também está previsto na pesquisa, propõe-se, de antemão, uma edição semidiplomática ou interpretativa, com base nos critérios adotados pelo PROHPOR para edição de textos do período arcaico. A transcrição do material será realizada em planilha de texto informatizada, pressupondo dois tipos de extensão para arquivamento e tratamento dos dados: uma *doc* e outra *txt*.

Feita a edição, prevê-se a fragmentação do texto em listas de palavras (*wordlists*) para identificação dos signos lexicográficos e posterior processo de lematização, através do uso de programas informatizados, comumente utilizados pela lexicografia moderna, como o Wordsmith 4.0 ou NOOJ.

Entre os métodos previstos, ressalta-se a contínua revisão bibliográfica para fundamentar as reflexões acerca do tema que se propõe investigar, recorrendo a diversas fontes impressas e eletrônicas.

Todavia, para além dos métodos da lexicografia moderna, o presente projeto se apropriará do que se tem desenvolvido pela lexicografia histórica, considerando, por exemplo, toda e qualquer ocorrência independente da sua frequência, isto é, se o item lexical ocorrer apenas uma vez no *corpus*, ainda assim será lematizado, com vistas a permitir um olhar minucioso e realista sobre o arcabouço lexical da época. Ademais, um sistema de remissão eficiente e perdulário deve ser desenvolvido, com o intuito de revelar relações lexicossemânticas e (ou) morfossintáticas, características do período arcaico da língua, que possam ser reveladas pela análise dos dados.

Assim, para o estudo do léxico no período recuado no tempo, a metodologia aqui adotada apresenta-se como condição *sine qua non* para a produção de trabalhos de natureza lexicográfica numa perspectiva diacrônica.

4 PECULIARIDADES LEXICAIS OBSERVADAS NA OBRA

[...] o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, P. 7)

Deve-se sublinhar que o léxico, nesse caso, por tratar-se de um texto quatrocentista, não é só uma janela, ou uma via de acesso, mas, pode-se dizer, é o primeiro desafio a ser superado. Uma vez que, os valores, hábitos, costumes vão se alterando com a mudança dos tempos, pois, conforme versou o célebre poeta Camões, “*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*”.

A obra, como sugere o próprio título, trata dos hábitos da comunidade monástica da abadia cisterciense de Alcobaça. Assim, o léxico circunda os dias festivos, as missas e as celebrações desses *monges brancos*, como eram conhecidos os monges pertencentes a essa Ordem em virtude da cor do hábito que usavam para contrapor ao hábito negro usado pelas demais Ordens Religiosas.

Vale registrar a exuberância do documento no que concerne à variação gráfica. Fenômeno bastante comum em toda a produção documental do período arcaico da língua visto preceder à sua normatização, que só veio estabelecer paradigmas mais rígidos nos meados do século XVI, pode ser fartamente exemplificado, a partir de formas diversas para representar o mesmo item lexical, como por exemplo: epifania ~ epiphanya, eglesia ~ eglia ~ igreja, homilias ~ omelyas, Sancristam ~ sancristaa, come ~ como, domingo ~ dominga etc.

Nota-se a presença dos pronomes anafóricos *hi* e *en(de)*, analisados por Machado Filho (2004) numa abordagem gerativista em *corpora* significativo do período arcaico da língua, ilustrado pelos exemplos do fólio 43r (1) e 53r (2):

(1) *auditoryo. E se hi ficar daquela augua deite-a depois na pia que see na entrada da Eglesia pera esto.*

(2) *E se acontecer que esto possa seer feito por grave necessidade. conhoça-se en(de).*

Outro aspecto observado, foi a expressiva presença de advérbios com morfema – mente, como nos exemplos citados abaixo:

*Os quaaes livros deve a tornar os monges **ledamente** com duas (maaos). [F15r]*

*Des hi digam a missa **festivalmente** come aos apóstolos. [F17r]*

*Adorem a cruz **brevemente** aqueles que a teem. [F20r]*

***Semelhavilmente** façam aas antifonas. [F29r]*

*Aqual cousa deve seer feita **honestamente** em guisa que os pees ão possam seer vistos a nemhuum. [F57r]*

Deve-se observar que nos exemplos citados alguns itens como **honestamente** tem uma aceção diferente do uso corrente, nesse caso, por exemplo, o item tem o sema de ‘com probidade’, e a ocorrência desse advérbio parece ter caído em desuso com essa aceção.

Um estudo feito por Pereira e Borba (2011) registra que a produtividade do morfema –mente é própria do período arcaico da língua portuguesa, uma vez que no latim que no latim *mens*, *mentis* era um nome que foi paulatinamente se gramaticalizando. Esse processo parece já ter sido concluído no período de produção do *Livro dos Usos*, uma vez que, *mente* aparece apenas como morfema.

Outro aspecto que pode ser observado são as terminações participiais em –udo dos verbos da 2ª conjugação, como nos seguintes exemplos:

(1) *e seja o bispo **trajudo** ao star. [F69v]*

(2) *de tal logar onde ão som **theudos** a tomar beençom [F75r]*

Outro fenômeno que vale registrar são as redundâncias que sugerem que a concepção de pleonasma é algo moderno, como se pode observar em:

nomear o nome [F53r]

O acervo lexical disposto da obra caracteriza de modo singular o período arcaico da língua portuguesa, o que sugere a hipótese de que o documento seja anterior ao período em que está situado, conforme ilustrado nos exemplos a seguir:

(1) *E os cozinheiros da **domaa**. (semana) [F67r]*

(2) *e seja dito **arvezes**. (várias vezes) [F47r]*

(3) *e ponha aquel **vascolo** com o spersoryo aly hu se vestem pera a missa. (vaso pequeno) [F43r]*

(4) *seja acabado. e fundo **danbolos** coros. (de ambos) [47r]*

(5) *nem **çarre** o livro (fechar) [F51r]*

É importante ressaltar que, sobretudo nos exemplos supracitados, se trata de uma simples ilustração, e que os exemplos citados serão estudados e devidamente lematizados na dissertação em elaboração.

Para além dos aspectos lexicais referidos, foi observado que a ficha bibliográfica disponível no site da Biblioteca Nacional de Portugal informa que o documento está escrito em português e apenas os títulos estão em latim. Todavia, no processo de edição, ainda em andamento, notou-se que o latim permeia toda a obra. Os trechos em latim se intercalam com o português e a sua leitura, apesar de importante para a compreensão do conteúdo da obra, nem sempre é possível, pois, além de não se tratar mais do latim clássico, ainda se apresenta de maneira abreviada.

É relevante ressaltar, também que, as abreviaturas do documento são bastante idiossincráticas, destoando do padrão comumente adotado na época, o que reforça a importância do documento para o conhecimento paleográfico e codicológico, ainda por se construir efetivamente. Isso requer ao trabalho de leitura do latim patente nesse manuscrito um conhecimento, ambivalente, não só de filologia clássica, mas também de latim medieval.

Para além da alternância de código – latim-português / português-latim há ainda, uma grande dificuldade, como antes se afirmou, no que concerne ao desenvolvimento das abreviaturas, quer no texto em português, quer nos trechos em latim, em razão do uso bastante idiossincrático se comparado ao padrão baquigráfico que era partilhado entre os *scriptoria* da época, antes da normatização promovida pelo surgimento da imprensa, que só viria a acontecer nos finais do século XV e inícios do século XVI, com a publicação dos primeiros incunábulo.

5 PALAVRAS FINAIS

Este breve estudo teve como objetivo dar a notícia de uma edição de um manuscrito quatrocentista de uma Ordem que teve um papel relevante na história do povo português e não menos do uso escrita da língua que se afirmava. Convém lembrar que esse documento foi produzido em um período em que ainda se formava, bruxuleantemente, a ideia de “nação” naquele espaço territorial lusitano, sobretudo por se situar no momento de consolidação da Dinastia de Avis, que, como se sabe, seria

aquela que levaria Portugal a se tornar a potência naval e mercantilista que viria nos finais do século XV a “achar” ou “descobrir” o Brasil.

Foi também função deste trabalho apresentar, incipientemente, algumas considerações sobre o léxico patente no manuscrito e a expressiva presença do latim em todo o teor narrativo. A edição interpretativa do manuscrito e a elaboração de um glossário constituem o escopo da dissertação a ser, brevemente, defendida no mestrado do Programa de Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de A. **História antiga e medieval**. São Paulo: Ática, 1976.

BAGGIO, Hugo D. Institutos religiosos masculinos: espaços para viver o evangelho. São Paulo: Loyola, 1983. p. 24-25.

CARVALHO, Maria José Simões Pereira de. **Do Português Arcaico ao Português Brasileiro**: contributos para uma nova proposta de periodização. (dissertação) Faculdade de Letras. Coimbra, 1996.

COSTA, Sonia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004.

GARCEZ, Angelina N. R. **Ordem terceira de São Francisco de Assis da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2007.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2004.

LABOV, W. (1982). Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: J.B. Publishing Company, 17-92.

LIVRO dos Usos da Ordem de Cister. Disponível em: <<http://purl.pt/15004>>. Acesso em 10 de julho de 2011.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio L. **Lexicografia Histórica e Questões de Método**. No prelo.

_____. **Um flos sanctorum do século XIV**: edições, glossário e estudo linguístico. 2003. 4v. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Elaboração de glossários:** problemas, métodos técnicas. In: PEREIRA, Cilene; PEREIRA, Paulo Roberto (orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1995.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas:** elementos para uma gramática do português arcaico. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Mário S. J. Da vida e da morte dos Monges de Alcobaça. *Revista Brotéria*, Vol. LI, Fasc. 1. 1950.

OLIVEIRA, Ana Maria Aparecida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 1998.

PIMPÃO, Álvaro J. da Costa. **Idade Média.** 2ªed. Ed. Atlântida, 1959.

SANTOS, Luis Alberto Ruas. **Bernardo de Claraval**, um monge que se impôs a seu tempo. In: SCIADINI, Frei Patricio (Coord.). *Santas e santos que influenciaram o II milênio.* 3 ed. São Paulo: O.C.D. / LTr, 2002.

SANTOS, Ione Pereira dos; BORBA, Sônia Bastos. **Proposta de categorização para bases lexicais de advérbios formados com o morfema -mente em corpus do século XIV.** *Anais do SILEL.* Volume 2, Numero 2. Uberlândia: EDUFBA, 2011.

SILVA NETO, Serafim da. **Textos Medievais portugueses e seus problemas.** Manual de filologia portuguesa: história, problemas, métodos. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/camoes80.html> , <consultado em 26 de novembro de 2012>